



**A COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO.
DA EXPRESSÃO BIÓTICA À DIMENSÃO EDUCATIVA E
CULTURAL¹**

**THE COMPETITION IN PHYSICAL EDUCATION AND SPORTS.
FROM BIOTIC EXPRESSION TO EDUCATIONAL AND CULTURAL
DIMENSION**

**A COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO.
DA EXPRESIÓN BIÓTICA A LA DIMENSIÓN EDUCATIVA Y
CULTURAL**

António Camilo Cunha

CIEC – Universidade do Minho (UMINHO)

Zenaide Galvão

CIEC – Universidade do Minho (UMINHO)

Andrize Ramires Costa

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Francisco Emílio de Medeiros

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

INTRODUÇÃO

A *competição* tal como outras dimensões bióticas - predação; parasitismo; cooperação; mutualismo; comensalismo - é uma das dimensões estruturantes da vida humana e da natureza. Serres (2004, 2019) afirma que o homem chegou aonde chegou graças ao treino, à técnica, à

¹ Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.



repetição, à cooperação e à *competição*. A *competição* é, de facto, um dos vocábulos mais utilizados na história da vida na terra (e do homem) quer no sentido *positivo*, quer no sentido *negativo*. Pela *competição* formou-se o universo mitológico e utópico; as espécies (natureza) evoluíram; assiste-se à emergência da economia/produtividade, dos media, das teorias e práticas ideológicas e políticas; o sentido axiológico esclareceu-se; surgiu a cultura, essa extraordinária criação do homem em confronto (em complemento) com a natureza, uma cultura que tem um fim em si mesma, qual seja, ajudar o homem a ser homem/pessoa/humanizar-se (De CHARDIN, 2012; VAZ, 1991a, 1991b); de alguma forma o *ideário educativo* estabeleceu-se: desde a *Paideia/Aretê* grega, a *Instructio* latina, a *Bildung* alemã - metáfora da viagem, a *Escola Nova* até à *Escola Moderna* - modernidade e com ela a técnica e tecnologia, o multiculturalismo, a integração, a igualdade. A *competição* constitui-se assim, como um *desiderato existencial*. É um *marcador, um fundamento, uma inscrição* que estrutura a perpetuação da vida da natureza e da vida dos homens/mulheres. Este sentido também está plasmado na história da *educação física e desporto* – matéria que anima esta nossa reflexão.

OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo central desta reflexão - em jeito de pequeno ensaio – é procurar olhar para a competição como uma das maiores expressões da vida natural e da vida humana, e neste caso concreto na educação física e do desporto. Neste contexto, a metodologia utilizada sai dos cânones de uma metodologia científica/empírica de investigação e tenta “escavar” pelo suporte reflexivo/crítico esta variável originária. Para o desenvolvimento deste exercício teórico, vamos situá-lo em cinco itens: A competição hoje; Contradições e paradoxos – humano e desumano; Ir à tragédia grega e aludir à competição; A educação e o desporto no ideário grego ; Palavras ditas e considerações finais.

A COMPETIÇÃO... HOJE

O Dicionário de Língua Portuguesa refere alguns significados para palavra *competição*:



Ato ou efeito de competir; disputa entre duas ou mais pessoas ou grupos por um mesmo objetivo; concurso com possível premição; (ecologia) interação de indivíduos da mesma espécie ou espécie diferentes (humana, animal ou vegetal) que disputam algo; luta, conflito; oposição; reivindicação simultânea do mesmo poder, a mesma dignidade ou título etc.; (economia) luta ou rivalidade pela conquista de mercados; (desportos) prova que põe em concorrência duas ou mais pessoas ou grupos no que tange a determinadas aptidões ou qualidades físicas ou atléticas (COMPETIÇÃO, 2005, p. 400).

A competição consagra o “jogo” – seja um jogo social, organizacional, empresarial ou desportivo. Um dos núcleos centrais da competição é a *ideia* do *ganhar/perder* assente numa dialética: *eu/nós e outro/vós*. A ideia de vitória/ganhar e derrota/perder está associado a outras variáveis, como: a *afirmação*, *superação*, *catarse*, *ascese*, *trabalho*, *esforço*, *resiliência* etc.

CONTRADIÇÕES E PARADOXOS – HUMANO E DESUMANO

A dimensão *competição*, não deixa de estar envolta em contradições e paradoxos de representação e de linguagem. A essência da competição é a disputa, a “luta” individual e coletiva onde o ganhar e o perder estão em jogo e onde a procura da vitória e o evitar a derrota se constituem como máximas do jogo, quando jogado dentro das regras e comportamentos (espírito desportivo; *fair play*) estipuladas e ditas civilizadas - *a maximização humana - real, instrumental, simbólica*. Há, no entanto, um outro lado - *o lado da falsa humanização*, onde (no caso do desporto) a violência, o doping, a corrupção, a trapaça, acabam muitas vezes por entrar no/em jogo. A essência da competição perde-se; a essência de algo racional e civilizador dá lugar ao retorno à selvajaria.

A competição representa do ponto de vista simbólico, antropológico e sociológico o retorno ao mundo do conflito, da expectativa, da tensão (*simulação da guerra*); mas, e ao mesmo tempo ao mundo da convivialidade, cordialidade, cortesia, empatia - *tornar-se pessoa*. Assim, a competição aparece como *manifestação real - experiência vivida e experiência simbólica*. Este sentido vai ilustrar a competição enquanto prática e resultado no campo desportivo, onde o corpo e o movimento se expressão das mais variadas formas – individual e coletiva. É nesta experiência



vivida individualmente e coletivamente que podemos ver as dimensões sociais nas mais diversas áreas - quer de produção, eficácia, rendimento, quer no sentido relacional, ético (axiológico) e estético – uma ilustração e preparação para a vida real.

Neste contexto DaMatta (1994) vai considerar que a competição exerce um papel altamente modernizador pela igualdade de oportunidades que proporcionaria. Ao referir ao desporto (organizado em regras - internas/externas) como um campo fundado no mérito (talento, competência, virtude, valor, capacidade) onde a ideia de ganhar e vencer se sustenta numa *alternância*. Este fato eleva também a ideia de democratização e justiça social derrotando a ideia das relações que apoiam o favorecimento pessoal, grupal, corporativo. Pensando desta forma, a competição é um caminho para *tornar-se pessoa* sendo, portanto, uma manifestação modernizadora e civilizacional. Este fato traz uma dimensão educativa e pedagógica a ter em consideração: só há verdadeira competição quando há *equilíbrio entre indivíduos e equipes*, para que as possibilidades de êxito e de derrota estejam presentes – essa alternância. Quando isso não acontece todos o discurso de “*espírito desportivo*”, “*fair-play*”, podem estar em causa, assim como podem estar em causa os slogans do desporto e o apelo à moderação: *ganhar e perder é desporto; o importante é participar; não importa a vitória, o importante é competir etc.*; e que no limite poder-se-á tornar uma linguagem violenta.

IR À TRAGÉDIA GREGA E ALUDIR À *COMPETIÇÃO*

Um dos pensadores (filósofos) que de forma mais clara, expõe esta dimensão - a competição – é Nietzsche (1997, 1998, 1999) que não esquecendo os ensinamentos míticos e epistemológicos, vai fazer uma reflexão peculiar, abordando a *competição* como um sentido da vontade de poder, na construção do *super-homem* e do *além do homem*.

Assim, quando se fala em humanidade (valores da humanidade) parte-se do princípio que tal poderia ser o que separa e distingue o homem da natureza. Na realidade, porém, tal separação não existe. As qualidades humanas e naturais estão intrinsecamente unidas. *Este é o seu nexos*. O ser humano nas suas mais elevadas e nobres energias é simultaneamente, *natureza e humano*. Transporta este duplo caráter. Por um lado, transporta *a justiça, a paz, a harmonia, a moderação, a moral, a ética*, que acabam por serem conquistas helênicas, tendo como grande representante Sócrates (*valores socráticos*) - nomeadamente quando este faz o elogio



ao *valor da vida e da existência*. Mas, por outro lado, o ser humano, também, transporta consigo a *destruição, o instinto, o tumulto* que vamos encontrar de forma explícita no período pré-grego. É neste contexto, que Nietzsche (1997, 1998) faz elevar uma variável que considera fundamental para o desenvolvimento humano (e nós para o desenvolvimento humano *na Educação Física e Desporto*) - a *competição*. A grande originalidade de Nietzsche é afirmar que aquelas qualidades consideradas desumanas (período pré-grego/naturais) “talvez”, fossem o *solo fértil*, onde pode brotar tudo o que seja humanidade sob a forma de *sentimentos, de ações e de obras*. Perante esta afirmação parece emergir um paradoxo: herdamos uma cultura que defende os valores humanos como: a justiça, a firmeza, a moderação, a fraternidade, a paz, a moral, a ética e agora, temos alguém que diz o contrário que faz o elogio, ao tempo antes de Sócrates, à Tragédia Grega. Vamos verificar que de uma forma sutil e racional o autor nos esclarece este paradoxo.

Para fundamentar a sua convicção/originalidade, chama os Gregos e depois o Helenismo, como solo explicativo da sua teoria. Assim, os gregos, os mais civilizados dos homens da antiguidade, ostentam um traço de crueldade, um perigo tigrino de destruição. Por exemplo, Alexandre - O grande (Macedônia) quando manda furar os pés de Bátis (corajoso defensor de Gaza) e ata o corpo ainda com vida ao seu carro para escárnio dos soldados, ou mesmo Aquiles que de modo semelhante maltrata o corpo de Heitor (Ilíada). *Estávamos no início da organização grega (pré-grego) em que a paz era uma miragem nunca alcançada e a dor o grande legado do homem*. Desvalorizando de certa forma os valores de Socráticos (aliás, crítica Sócrates), Nietzsche (1998, 2003) vem fazer um elogio à luta, ao instinto, ao esforço, à inveja como *força afirmativa e criadora*. Para tal, mergulha no universo mitológico (BULFINCH, 2006) e convoca a Deusa Éris (Deusa da discórdia - a Má Eris) porque é na *discórdia* que o homem e a condição humana evoluem. Mas esta discórdia não poderá ser uma discórdia extremada, deve ser moderada e para isso, cria uma nova Éris - a que chama a Boa Éris (Luz do dia). É a Boa Éris, que estimula a rivalidade, entre os oleiros, entre os artesãos, inspirando em cada um deles o gosto pela sua profissão. Ela move ao trabalho, até o homem desajeitado e se aquele, que nada possui repara noutro que é rico apressa-se do mesmo modo a semear a plantar e a governar bem a sua casa. O vizinho rivaliza com o vizinho, que procura alcançar a sua prosperidade. Também o oleiro tem inveja do oleiro; o carpinteiro tem inveja do



carpinteiro; o pedinte do pedinte - e se quisermos agora, num contexto pós-moderno o arrumador de carros tem inveja do arrumador de carros; o professor catedrático tem inveja do professor catedrático. Quase parece que estes atributos cabiam à Má Éris, e não à Boa Éris, mas os gregos não pensavam como nós, diz-nos Nietzsche (1998). A má Éris é que conduz os homens às lutas de extermínio A boa Éris é aquela que *impele os homens para a ação*.

A EDUCAÇÃO E O DESPORTO NO IDEÁRIO GREGO

Outro aspecto interessante e que sorve o nosso objeto de reflexão - *educação física, desporto e competição* - é a referência que Nietzsche faz à *dimensão educativa e desportiva*. Para os gregos a finalidade da educação e do desporto era o *bem-estar da polis*. O jovem quando competia na corrida, no lançamento de dardo ou no canto pensava no bem da sua cidade natal. Era a glória desta que ele queria aumentar através da sua. Era aos deuses da sua cidade a quem ele consagrava as coroas de louros. Cada grego sentia em si, desde a infância, o desejo ardente da competição pois é por esse caminho que se encontra a *glória, a evolução, a honra*.

PALAVRAS DITAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperando alguma substância dos tópicos/itens anteriormente desenvolvidos podemos constatar que o *real* e o *simbólico*, o *racional* e o *paradoxal* explicam a ideia de *competição/“luta”*. Ora, podemos ver a educação física e o desporto como tempos e espaços dessa luta. O desporto manifesta-se como uma luta moderada, um momento de discórdia e inveja entre os valores intrinsecamente humanos e animais a que podemos chamar de *competição positiva*; mas também pode direcionar-se para uma luta extrema, desumana, pouto ética - *competição negativa*.

De fato, a dialética *competição positiva/competição negativa* é visível nas *pontes* que fazemos do *desporto para a vida moderna e da vida moderna para o desporto*. Constatamos que o desporto absorve e reflete numa efervescência (animal/humano) as questões individuais, comunitárias, sociais, políticas, económicas, ideológicas, culturais. São estas realidades que devemos ter presentes ora como professores, ora como treinadores, em particular o pensamento e a ação sobre a competição negativa e formas de a mitigar.



REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Lisboa: Veja, 1998.

BULFINCH, T. **Livro de ouro da mitologia**. Histórias de deuses e heróis. (34ªed). Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

COMPETIÇÃO. In **DICIONÁRIO da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2005,

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10-17, 1994.

De CHARDIN, T. **O fenómeno humano** (9ªed.).São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

FILIFE, R. **A competição em Nietzsche**. Lisboa: Vega-Passagens, 1993.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. Obras escolhidas de Friedrich Nietzsche. Lisboa : Relógio D`Água.Vol. I, 1997.

NIETZSCHE, F. **Gaia Ciência**. Obras escolhidas de Friedrich Nietzsche. Lisboa : Relógio D`Água.Vol. III, 1998.

NIETZSCHE, F. **Para Além do Bem e do Mal**. Obras escolhidas de Friedrich Nietzsche. Lisboa : Relógio D`Água.Vol. V, 1999.

PLATÃO. **Fédon**. Lisboa: Veja, 1970.

SERRES, M. **Hominescência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

SERRES, M. **Tempo de crises**. Lisboa: Guerra e Paz – Editores, 2019.

VAZ, H. **Antropologia filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991a.

VAZ, H. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1991b.